

VISTA **REVISTA** REVISTA REVISTA REVISTA R  
UESA **PORTUGUESA** PORTUGUESA PO  
E DE **DE** DE DE DE DE DE DE DE  
32 **XADREZ** XAD

**FERNANDO SILVA  
É CAMPEÃO DE LISBOA**



*RUI PEREIRA, FERNANDO SILVA, ANTÓNIO P. SANTOS E RENATO FIGUEIREDO EM PLENO CAMPEONATO*

**SUMÁRIO**

---

67	OS MATCHES DE CANDIDATOS
68	O CAMPEONATO ABERTO DA GUARDA
68	OCHOA CAMPEÃO DISTRITAL DA GUARDA
69	A CILADA NA ABERTURA
70	O XADREZ E A MULHER
70	O PAR DE BISPOS
72	SÍLVIO SANTOS CAMPEÃO DO PORTO
72	CAMPEONATO DISTRITAL DE LISBOA
74	VANGANJAN VENCE EM S. PAULO
75	PARTIDAS CÉLEBRES DO SÉCULO XIX
76	NO PORTUGAL DISTANTE
77	SECÇÃO DE CONSULTA
78	PROBLEMAS — ANÁLISE RETROSPECTIVA

---

# EDITORIAL

Na reportagem do I Campeonato Aberto da Guarda, que incluímos no número anterior da R. P. X., referimos alguns aspectos merecedores de análise e crítica. Começemos pelos prémios pecuniários:

Sabemos que são prática corrente nos torneios abertos e fechados que por esse mundo se realizam. Eiticamente nada a opor. A FIDE e todas as federações filiadas, incluindo a nossa, não fazem distinção entre amadores e profissionais.

Mas em Portugal?

Na fase de desenvolvimento em que estamos?

Quando se necessitava que dúzias de torneios semelhantes ao da Guarda se realizassem?

Onde vão os poucos possíveis organizadores deles arranjar mais de três dezenas de contos para prémios?

Existem, no país muito poucos jogadores de craveira técnica aceitável. Habitua-los a prémios pecuniários é deixar de contar com eles nos torneios que os não tenham, que, no momento actual serão a maioria, e onde esses jogadores farão muita falta pelos ensinamentos que proporcionariam aos menos evoluídos.

A Federação Portuguesa de Xadrez desde há muito se apercebeu disso e tem procurado incutir no espírito de todos os intervenientes na divulgação do jogo a ideia de que ela só será possível em bases de completo amadorismo. Que essa tem sido compreendida e aceite atestamos a dedicação de quantos à sua volta se têm unido.

Temos acompanhado a acção relevante que a Delegação da Guarda da D.G.D., por intermédio de carolice e dedicação de Marino Ferreira, tem desenvolvido no Distrito. Desde a campanha de ensino nas escolas primárias espalhadas pelas aldeias serranas até à formação de um núcleo com as características e importância do Grupo de Xadrez da Guarda. Sabemos que este torneio aberto foi o remate lógico da acção desenvolvida, a necessidade de dar aos jogadores, recém-conquistados para a prática do xadrez, o contacto que tiveram.

Mas não o terá em sem o chamariz dos prémios?

Estarão os nossos melhores jogadores desinteressados da obra de divulgação que a todos deve caber?

Não haveria outro processo, menos perigoso para o futuro do xadrez nacional, de atrair os mais aptos?

Com viagens e, ou, estadia pagas?

Condições especiais permitiram: na Guarda a realização deste torneio. O êxito alcançado levará os organizadores a tentar repeti-lo nos anos futuros. Estará a Guarda sem a ajuda da comemoração do

Dia das Comunidades, em condições de o fazer nos mesmos moldes?

Terão as outras capitais do Distrito possibilidades de lhe seguir o exemplo?

Não temos a pretensão da infalibilidade e gostaríamos de ver debatido a nível nacional assunto de tal importância. Tudo o que está para trás se pode resumir na seguinte pergunta:

Serão os prémios pecuniários um meio de incrementar o xadrez nacional ou um mau serviço prestado à divulgação do jogo?

A pergunta aí fica e, com ela, as páginas desta revista à disposição de quem quiser responder-lhe.

O outro aspecto merecedor de atenção, este de carácter técnico, foi o ritmo.

Dezoito lances por hora, com duas sessões de quatro horas por dia e consequentes adiamentos não nos parece saudável nem propício à prática de bom xadrez. Vários jogadores foram obrigados a maratonas que se iniciavam às nove da manhã e terminavam cerca da meia-noite, com duas horas para almoço e dez minutos para jantar!

Prova com características especiais de resistência?

Podíamos encarar-la assim e admiti-la como tal se não contasse para a classificação pontual. Esta baseia-se no processamento estatístico dos resultados obtidos em determinadas condições, as condições das provas mais vulgares e mais numerosas. Por isso se excluem as partidas rápidas e por correspondência. Alterar essas condições é estabelecer uma nova classificação, é misturar coisas diferentes.

Temos de estabelecer quanto antes, — é urgente a revisão do Regulamento de Provas —, qual o factor a que vamos dar prioridade para a classificação dos jogadores: a perfeição técnica com a consequente produção de bom jogo? A rapidez? A resistência?

Os torneios de fim-de-semana dão aos participantes magníficas possibilidades de convívio e aperfeiçoamento. São uma espécie de estágio que, apenas em alguns dias e de maneira agradável, podem dar ao jogador ensinamentos que levariam semanas de estudo normal e solitário.

Mas é necessário que a duração das sessões permita esse convívio e não torne a prova cansativa até ao sofrimento. É necessário um ritmo mais rápido para as partidas e evitar o flagelo dos adiamentos.

Aqui deixamos a nossa sugestão: um primeiro controle aos 90 minutos, com 30 lances, e mais meia hora a cada jogador para terminar a partida.

Teria o inconveniente de obrigar ao acerto dos relógios a meio do jogo, ou ao fabrico de setas que caíssem de meia em meia hora.

Mas esse pequeno senão seria bem compensado pelas vantagens:

— As sessões nunca excederiam as quatro horas.

— Não haveria suspensões.

— Permitiria o convívio.

— Evitaria o esgotamento.

— E, suplementarmente, dado que não haveria intervalo para analisar os finais, obrigaria os jogadores portugueses a sabê-los na ponta dos dedos.

Talvez assim não se limitassem a enfrascar-se em teorias de aberturas que, como se viu, não chegam nem para grandes mestres de dois mil quatrocentos e tal pontos.

Aspecto altamente positivo do torneio da Guarda e da obra que lhe esteve na origem terá sido a demonstração prática das possibilidades da colaboração entre o xadrez federado e a Direcção Geral de Desportos.

A separação radical, D.G.D. para o xadrez escolar e Federação para os clubes e outros núcleos, com a nossa pobreza de meios humanos e materiais, com a aberração das estruturas paralelas, principalmente as burocráticas, que acabam por asfixiar qualquer daqueles organismos, debilitando as suas boas intenções e impedindo a realização das suas melhores iniciativas, parece-nos errada.

Julgamos ser ideia da D.G.D., para desburocratizar e descentralizar os seus serviços, a criação de gabinetes de desenvolvimento para funcionar junto das federações desportivas que estejam dispostas e tenham condições para os receber.

Excelente ideia que, no caso do xadrez, viria ao encontro de uma necessidade e seria o remédio contra as estruturas paralelas. Estará esta modalidade nos planos da D.G.D.?

Uma certeza temos: Sem um monitor de xadrez em cada Distrito, com instruções para apoiar e colaborar nas iniciativas da F.P.X., a divulgação em Portugal será muito difícil para a Federação. Como o será para a Direcção Geral de Desportos, (difícil e mais dispendioso que a manutenção dos citados monitores), sem a colaboração e apoio técnico, que são gratuitos), da Federação Portuguesa de Xadrez.

Não somos ingénuos ao ponto de supor fácil a escolha desses monitores em certos meios, onde mesquinhez e inveja lhes dificultarão a tarefa.

Por outro lado, um tradicional, (quase diria atávico), costume de favorecer amigos, agravado por 49 anos de política de compadrio, poderá ocasionar erros.

O exemplo da Guarda, por ser único, mostra a dificuldade. Mas mostra também que é possível acertar.

S. N.

# OS MATCHES DE CANDIDATOS

por VICTOR SILVA

Separados por menos de 50 quilómetros Spasski e Portisch em Genebra, na Suíça, o Korchnoi e Polugaevski em Evian no sul da França, disputam a qualificação para o final dos matches de candidatos. Serão apurados os que levarem a melhor de 16 partidas, prevendo-se prolongamentos de dois jogos até se encontrar um vencedor, caso se verifique o empate a 8 pontos.

Vejam a marcha dos resultados, em que Spasski e Korchnoi têm as brancas nas partidas ímpares:

SPASSKI	1/2	1/2	0	1/2	1	1/2	1/2	0	1	1/2	5
PORTISCH	1/2	1/2	1	1/2	0	1/2	1/2	1	0	1/2	5

Spasski, obviamente, não repetiu a actuação suicida de Larsen, revelando segurança nas aberturas que há muito constituem o seu repertório. É possível que a maioria dos vaticínios se inclinasse, de início, para a vitória do jogador sólido que é Portisch, até porque o soviético não mais atingiu a sua forma depois do match frente a Fischer em 1972, e a derrota com brancas na 3.ª partida parecia confirmar os prognósticos. Todavia, repôs a igualdade na 5.ª e tudo começou de novo. Mais dois empates e uma vitória para cada lado mantiveram o equilíbrio.

KORCHNOI	1	1	1	1/2	1/2	1	1	0	1/2	1/2	1/2	7 1/2
POLUGAEVSKI	0	0	0	1/2	1/2	0	0	1	1/2	1/2	1/2	3 1/2

Era difícil prever uma superioridade tão flagrante do ex-soviético V. Korchnoi. Será que a responsabilidade do confronto com o dissidente é demasiado para os recursos xadrezísticos e psicológicos de Polugaevski? Definitivamente o vencedor está encontrado, resta apenas saber qual a diferença de pontos que se vai verificar. Entretanto Mecking que nas doze partidas que jogou com Polugaevski, nos quartos de final, não ganhou uma sequer, deve ter já revista a declaração de que se considera o sucessor de Fischer. Aliás basta comparar. Você vê a diferença?

## B. SPASSKI - L. PORTISCH

3.ª partida

Espanhola

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bb5 a6 4. Ba4 Cf6 5. 0-0 Be7 6. Te1 b5 7. Bb3 d6 8. c3 0-0 9. h3 Cb8.

Uma peça já desenvolvida é remetida para a origem! Este lance, de aparência paradoxal, é original do húngaro Julius Breyer (1893-1921), um dos inspiradores da escola hipermoderna, e tem a seu favor, em confronto com a linha clássica de Chigorin, 9... Ca5, uma acção central mais eficaz e elástica.

10. d4 Cbd7 11. Cbd2

O gambito de Simagine 11. Ch4 Cxe4 12. Cf5 encontra-se agora pouco na prática.

11... Bb7

Hibridismo característica do xadrez moderno: numa estrutura clássica a introdução do duplo fianqueto tardio, fianqueto simples no flanco de rei (Pf7, Pg6, Ph7, Bg7), fianqueto ampliado no flanco de dama (Pa6, Pb5, Bb7). No entanto a ordem dos fianquetes não é arbitrária: se 11... Te8 (para Bf8, g6, Bg7) então 12. Bxf7+ Rxf7 13. Cg5+ e 14. Ce6 ganha a dama.

12. Bc2 Te8 13. Cf1 Bf8 14. Cg3 g6 15. a4 c5 16. d5 c4

Obtendo c5 para o Cd7 e dificultando a progressão branca no flanco de dama. Para 16... Cb6 ver Karpov-Smejkal, n.º 3 pág. 41.

17. Bg5 h6 18. Be3 Cc5 19. Dd2 Rh7 20. Ta3 Tb8 21. Te1 Te7 22. T1a2 Tc7 23. axb5 axb5 24. Dd1 Cfd7.

As brancas dominam a coluna a mas, devido às medidas profiláticas das negras, pouco podem progredir. Karpov costuma jogar de forma menos rígida este tipo de posições, mantendo abertas as possibilidades de ataque no flanco de rei, nomeadamente com a ameaça de f4.

25. h4 Bc8

A primeira manobra do bispo para b7 estabeleceu uma pressão sobre o Pe4, o que levou as brancas a fechar o centro com d5. Como as negras estão normalmente atrasadas no seu desenvolvimento, devem estar permanentemente atentas a qualquer acção central, pelo que esse fecho do centro foi já uma pequena vitória.

Agora em c8 o bispo busca novos horizontes, depois de cumprida a sua primeira missão. O desenvolvimento, isto é, a colocação das peças em posição activa, é um princípio que não se circunscreve à abertura, devendo estar presente também no meio-jogo e no final.

26. h5 Cf6 27. Ch2 Tcb7 28. Bd2

Dificulta b4.

28... Bg7 29. De2 Cg8 30. Ta8 Bd7 31. T8a3

Reconhecimento de que nada de positivo se obtém do domínio da coluna a.

31... Bf6

As brancas têm um plano: trocar o seu bispo mau.

32. Be3 Bg5 33. Cf3 Bxe3 34. Dxe3 Db6 35. Cd2 Cf6 36. Bd1 Rg7 37. Be2 Tc8 38. Ta1

Era preferível manter o status que com 38. Rf1, por exemplo, e propor empate. O Pb2 indefeso vai permitir uma simplificação favorável ao negro.

38... Ca4 39. Dxb6 Txb6 40. T1a2 Cxh5 41. Cxh5 gxh5 42. Bxh5 f5!

As negras estão melhor: mais espaço no flanco de dama, o seu bispo é bom e o das brancas mau e as torres brancas não têm liberdade de acção. Esta posição didáctica será exaustivamente analisada por Álvaro Pereira Filho em 2010 no número 2 da *Revista Portuguesa de Xadrez*, III série, sob o título «A conservadora moral de Caissa: os bons (bispos) ganham sempre».

43. b4

Afasta as possibilidades negras de ruptura no flanco de dama. Se 43... cxb3 e.p. 44. Txb3 Txc3? 45. Txc3 Cxc3 46. Ta7 ganhando em ambos os casos.

43... f4 44. Bd1 Rf6 45. g3 Tbb8 46. Rh2 Tc7 47. gxf4?

É difícil dar um conselho às brancas mas, agora, as negras vão atacar o rei branco, cortando as comunicações na coluna g.

47... exf4 48. Bxa4

Faz desaparecer a ameaça sobre o Pc3, libertando as torres.

48... bxa4 49. Ta1 Tg8 50. Cf3 Bg4 51. Tg1 Tcg7 52. Ch4 Tg5

Ameaça 53... Th5.

53. f3 Bd7 54. Txg5 hxg5 55. Cf5

Perde um peão, mas se 55. Cg2 Th8+ 56. Rg1 Th3 57. Rf2 Re5 (o erro do lance 47 deu esta casa) com a ameaça de g4, ganhando facilmente.

55... Bxf5 56. exf5 Ta8

O peão não foge.

57. b5 Rxf5 58. b6 g4

O peão passado vai decidir a partida.

59. fxc4+ Rxc4 60. Rg2 Tb8

A torre é necessária para que o Pf4 avance.

61. Txa4 Txb6 62. Rf2 Tb2+ 63. Re1 f3 64. Ta8 Te2+ 65. Rf1 Td2 66. Tg8+

Gasta os últimos cartuchos: os xeques por trás.

66... Rf4 67. Tf8+ Re4 0:1

## RÁPIDAS EM ÉVIAN

Paralelamente ao match Korchnoi-Polugaevski, disputou-se em Evian, em 25 de Julho, um torneio internacional de partidas rápidas, cuja fase final foi disputada por dezassete concorrentes, nove dos quais estrangeiros. A prova foi vencida, em grande estilo, por Bagirov, o «segundo» de Polugaevski, que apenas empatou com Gheorghin. Classificação dos seis primeiros:

1.º G. M. Bagirov (U.R.S.S.), 15,5 pontos; 2.º G. M. Schmidt (Pol.), 15; 3.º G. M. Gheorghiu (Rom.), 14,5; 4.º/5.º G. M. Ostojic (Jug.) e Sargos (Fr.), 16; 6.º M. I. Haik (Fr.), 10,5.

# O Campeonato Aberto da Guarda

Publicamos hoje mais três partidas deste torneio, que a falta de espaço não permitiu inserir na altura.

Nesta pequena selecção, incluímos o encontro Durão-Cordovil, não tanto pelo seu nível técnico — que declinou nitidamente a partir do lance 22 sobretudo por parte das brancas, apertadas por um agustioso apuro de tempo — mas porque os encontros entre estes dois jogadores são um «prato forte» cujo desenvolvimento e resultado os xadrezistas portugueses esperam sempre com curiosidade.

## J. DURÃO - J. CORDOVIL

*Inglesa*

1. d4 g6 2. c4 Bg7 3. Cc3 c5 4. Cf3 cxd4 5. Cxd4 Cc6 6. e3 Cf6 7. Be2 0-0 8. 0-0 d6 9. b3 e6 10. Bb2 Da5 11. Dd2 Bd7 12. Tfd1 Tfc8 13. Bf3 Tab8 14. Cxc6 bxc6 15. Cd5 Dxd2 16. Cxf6+ Bxf6 17. Txd2 Bxb2 18. Txb2 a5 19. Be4 c5 20. Tab1 Tb6 21. a4 Tcb3 22. Rh2 a4 23. Bd3 Rf8 24. Rg1 e5 25. f3 f5 26. e4 f4 27. Rf2 Re7 28. Be2 h6 29. Bd3 Rd8 30. Be2 Rc7 31. Bd3 T8b7 32. Be2 Rb8 33. Bd3 Ra7 34. Be2 Ra6 35. b4 Txb4 36. Txb4 Txb4 37. Td1 Tb6 38. g3 fxg3+ 39. Rxg3 g5 40. hxg5 hxg5 41. Th1 Tb2 42. Th7 Bc6 43. Bf1 Txa2 44. Bh3 a3 0:1

## J. DURÃO - L. OCHOA BAPTISTA

P. D. — Var. Opocensky

1. d4 Cf6 2. Bg5 Ce4 3. Bh4 g5 4. f3 d5 5. fxe4 gxh4 6. exd5 Dxd5 7. Cc3 Da5 8. e4 h5 9. Cf3 Bg4 10. h3 Bxf3 11. Dxf3 Dg5 12. Bc4 Dg3+ 13. Dxc3 hxg3 14. Cd5 Rd8 15. 0-0 e6 16. Cf6 Bh6 17. Tf3 Bg5 18. e5 Bxf6 19. Txf6 Re7 20. Taf1 Th7 21. Bd3, Tg7 22. Th6 c5 23. Th8 Rd7 24. Be4 Rc7 25. d5 cxd5 26. Bxd5 a5 27. Tf8 Ta6 28. T1xf7+ Txf7 29. Txf7+ Rd8 30. Tf8+ Rc7 31. e6 1:0

## L. SANTOS - K. ROBATSCH

*Siciliana*

1. e4 c5 2. Cf3 d6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cc3 Cc6 6. Bg5 Bd7 (mais usual é 6... c6) 7. Be2!?

7. Dd2 é mais comum; ja o joguei em 75 contra o Ml F. Silva, mas aqui não quis experimentar a preparação teórica do grande-mestre depois de 7. Dd2.

7... Da5

Como eu respondi em 74 na Olimpíada de Nice contra Puhm da França quando fui surpreendido pelo lance 7: Be2, na altura muito raro.

8. Bxf6 gxf6 9. Cb3

Melhor que 9. 0-0, como jogou Puhm, pois segue-se Cxd4 10. Dxd4 Dc5 com jogo nivelado.

9... Dg5 10. Cd5!

Mais forte que 10. g3 h5 11. f4 Dg6 12. Dd2 h4 13. Tg1 hxg3 14. gxh3 Txb3, com jogo confuso (Tatai-Diaz, Camaguey 1974)

10... Tc8?

10... 0-0-0 é a melhora hipótese para as negras (Boleslavski)

## 11. f4?

Depois de 11. 0-0 não vi defesa contra De5 atacando o peão b2 e e4! Para os defender basta recuar o cavalo que acabou de mover para d5 seguido de f4 com vantagem para as brancas! Outras continuações seriam 11. 0-0 Bh3 12. Ce3 Tg8 13. f4 Dg6 14. Bf3 e as brancas estão melhor ou 11. 0-0 Tg8 12. g3 f5? 13. f4 Dg7 14. e5! dxe5 15. Cc5 e as brancas estão melhor (Sheljandinov-Cerатели, U. R. S. S. 1967).

11... Dxc2 12. Bf3 Dh3! 13. De2 Dh4+ 14. Df2 Dxf2 15. Rxf2 Bh6 16. c3 f5 17. Thg1.

As negras apesar do peão a mais não se conseguem desenvolver harmoniosamente; aqui 17. Tad1! dava mais hipóteses.

17... fxe4 18. Bxe4 f5?! (parece-me

mais forte 18... Be6) 19. Bf3 Be6 20. Tad1 Bxd5! 21. Txd5 (21... Bxd5!?) Bxf4 22. Bh5! ?!

Depois de 22. Txf5 Bxh2 23. Th1 Be5 24. T5h5, a posição fica bastante equilibrada, pois existem bispos de casas distintas, e o peão a mais dificilmente ganha. 22... Rd8

Claro! Se Rf8 23. Tf5+ ou se 22... Rd7 23. Cc5+ seguido de Ce6+ e Cxf4 23. Txf5?!

Melhor era 23. Cc5, mas tive medo de 23... Be5, mantendo dois pões passados e ligados no centro, além do peão a mais: 24. Cxb7+ Rc7 25. Ca5 Thg8 e as negras estão um pouco melhor. Depois de 23. Cc5, se Bxh2, 24. Tg7 Be5 25. Tf7 Bf6?? 26. Txd6+! exd6 (26... Rc7 27. Tdx6 e se 26... Re8 27. Tfx6++) 27. Ce6+ Re8 28. Tg7++

23... Bxh2 24. Th1 Be5 25. Bf3

Se 25. Bg4 Rc7 26. Tf7 Tcf8 27. Txb7 Txf7+ 28. Txf7 Th2+

25... e6 26. Th5 Tc7 27. Th6 Te7 28. Be4 (28. Re3 Bg7!) Tf8+ 29. Re2 Tf4 30. Bxh7 (com escassos segundos para os próximos 6 lances) Tg4 31. Tf1 (se 31. Tg6 Txb7!) Tg2+ 32. Tf2 Txf2+ 33. Rxf2 Tf7+ 34. Re2 Re7 35. Bd3?! (melhor 35. Bc2 ... Bg7 36. Th3? d5 37. Th7! (o lance secreto, único para evitar e5, pois ameaça Bg6)

(Continua na página 79)

## OCHOA CAMPEÃO DO DISTRITO DA GUARDA

Com a participação de dez xadrezistas realizou-se na primeira quinzena de Julho, na sala de xadrez da Delegação da Guarda da D.G.D., o I Campeonato Distrital Individual.

A prova envolveu exclusivamente jogadores do Grupo de Xadrez da Guarda, único clube filiado do distrito, no qual a Federação delegou a organização do torneio. O facto de este campeonato se ter realizado num período coincidente com a época de exames impediu a participação de alguns dos melhores xadrezistas do distrito.

A luta pelos primeiros lugares foi travada principalmente entre Luís Ochoa Baptista (de Lisboa), recentemente segundo classificado no I Campeonato Aberto Internacional da Guarda, Marino Ferreira, António Ferreira e Dr. Almeida e Sá (da Covilhã).

Na 2.ª jornada, António Ferreira perdeu com Marino Ferreira. Na 3.ª sessão verificou-se um empate entre Marino Ferreira e Luís Ochoa, que, na jornada seguinte, empatou com Almeida e Sá. Este, na 5.ª jornada, empatou com Marino Ferreira (duas faltas de comparência afastá-lo-iam da luta pelos primeiros lugares), enquanto Ochoa derrotou António Ferreira.

Com os primeiros lugares decididos, as

derradeiras sessões não trouxeram alterações na classificação final, que ficou assim ordenada:

1.º, Marino Ferreira e Luís Ochoa Baptista — 6 pontos; 3.º, António Ferreira — 5; 4.º, Almeida e Sá, 4; 5.º, Mário Tenreiro — 3½; 6.º, José Clara Lopes — 3; 7.º, Carlos Tenreiro — 2½; 8.º, José Aragão Santos — 2; 9.º, Macedo de Carvalho — 2; 10.º, Afonso Paiva — 2.

Nos termos do regulamento de Provas da F.P.X., houve que efectuar posteriormente um *match* de seis partidas entre os dois primeiros classificados, iguais em número de pontos.

Marino Ferreira não pode comparecer ao primeiro jogo e as outras cinco partidas (extremamente teóricas, segundo Ochoa) terminaram todas empatadas. Assim, Luís Ochoa Baptista será o representante do distrito da Guarda no XXXIII Campeonato Nacional Absoluto, a realizar no presente mês.

## L. OCHOA - A. FERREIRA

*Defesa Siciliana*

1. e4 c5 2. Cf3 Cc6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cc3 e5 6. Cdb5 d6

Está definida a estratégia da abertura: as negras tentarão libertar o seu jogo via d6-d5 e as brancas jogarão para im-

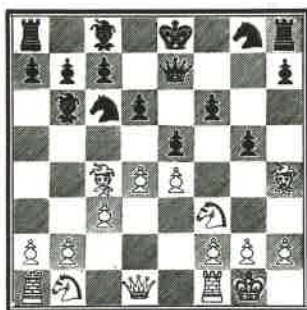
# A CILADA NA ABERTURA

Na sequência do artigo anterior iremos neste número expor mais alguns tipos de ciladas relacionadas com os primeiros lances 1. e4 e5, que deverão ser os mais frequentes nas partidas entre principiantes.

Os três primeiros lances (das brancas e das pretas) da seguinte partida definem a abertura Italiana ou Giuoco Piano.

**GRECO - N. N.**  
Roma 1619

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bc4 Bc5 4. c3 De7 (a principal alternativa é 4... Cf6. O lance do texto tem por ideia defender o ponto e5) 5. d4 Bb6 (lógico e consequente com o lance anterior; inferior seria 5... exd4 por abandonar o centro) 6. 0-0 g5?



pedi-lo ocupando o ponto d5 e eliminando as peças negras que o controlem.

1. Bg5 a6 8. Ca3 b5 9. Cd5 Be7 10. Bxf6 Bxf6 11. c3 Be6 12. Cc2 Bxd5 13. exd5 Ce7 14. a4! 0-0 15. axb5 axb5 16. Txa8 Dxa8 17. Cb4 Db7

Após a ocupação do ponto d5 por um peão define-se uma nova estratégia: as brancas atacarão b5 e as negras d5. Por estarem ambos estes peões em casas brancas o bando que possui o bispo que circula por essas casas tem uma peça a mais para atacar e defender. Como veremos, as manobras de ataque a b5 permitirão a ocupação da coluna a pelo exército branco, objectivo estratégico mais profundo e que conduzirá à vitória. Por isso foi fundamental o lance. 14. a4! que debilitou b5 e abriu a coluna a.

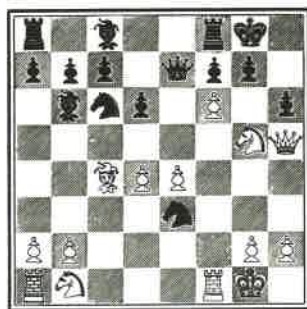
18. Bd3 g6 (Tc8!?) 19. 0-0 Bg7 20. De2 Tb8 21. Td1 f5 (21... Cxd5 22. Cxd5 Dxd5 23. Bxg6 Dc5 24. Be4 e as brancas dominam e4 e d5 para o ataque a h7 e f7) 22. Dc2 Ta8 23. Db3 Rf8 24. h3 Db6 (as negras jogam sem atender ao seu verdadeiro objectivo: o ataque a d5. Serão castigadas com a ocupação da coluna a e suas consequências) 25. Cc2 Tb8 26. Ta1 Db7 27. Cb4 e4 28. Be2 Tc8 29. Ta5 Tc5 30. Da2 Be5 31. Ta7 Db6 32. Cc6 Cxc6 33. dxc6 d5 34. Ta6 Dd8 35. Ta8 Bb8 36. Da3 1:0

(comentários de MANUEL SERRA)

(Um erro que as brancas explorarão imediatamente para preparar uma magnífica cilada de mate) 9. Cxg5! fxg5 10. Dh5+ Rd7 11. Bxg5 Dg7? 12. Be6!!+ Rxe6 13. De8+ Cge7 14. d5++

**BRYCHTA - BOTUR**  
Praga 1951

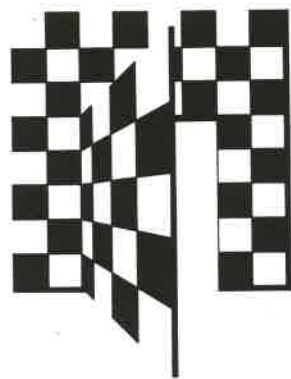
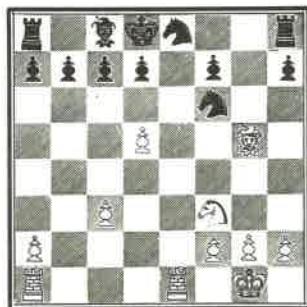
Os seis primeiros lances iguais aos da partida anterior. 7. Cg5 Ch6 8. Be3 0-0 9. f4! exd4 10. cxd4 Cg4? (as negras procuram criar algumas ameaças como compensação pela forte posição central das brancas; no entanto, estas iludirão as ameaças das pretas montando uma finíssima cilada) 11. f5! Cxe3 12. Dh5 h6 13. f6!!



13... Bg4 14. Dg6 seguido de mate na jogada imediata.

Já no século XVI Greco tinha analisado a abertura Italiana. Möller, em 1899, enriqueceu substancialmente estas análises principalmente no chamado ataque Greco-Möller.

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bc4 Bc5 4. c3 Cf6 5. d4 exd4 6. cxd4 Bb+ 7. Cc3 (a alternativa é 7. Bd2) Cxe4 8. 0-0 Bxc3 (se 8... Cxc3 9. bxc3 Bxc3 10. Db3 com um ataque fortíssimo) 9. d5! Ce5 (a teoria considera como o melhor lance nesta posição 9... Bf6!) 10. bxc3 Cxc4 11. Dd4 Ccd6? (melhor será 11... 0-0 12. Dxe4 Cd6 13. Dd3 Ce8 14. c4 d6 15. Bb2 f5 com igualdade, Mieses-Schüchting 1908) 12. Dxc7 Df6 13. Dxf6 Cxf6 14. Te1+ Rd8? (o correcto é Cfe4; se 14... Rf8 15. Bh6+ Rg8 16. Te5, ganhado) 15. Bg5 Ce8



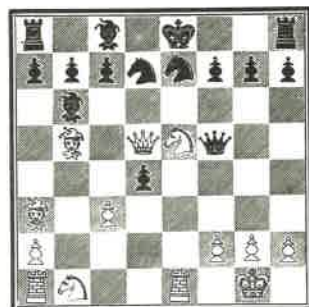
**por TOMÉ DUARTE**

16. Txe8+ Rxe8 17. Te1+ Rf8 18. Bh6+ Rg8 19. Te5 e as negras devem abandonar, pois a ameaça de Tg5 é imparável, uma vez que se o cavalo de f6 se mexe, Te8++.

O Gambito Evans, inventado pelo capitão inglês Evans, é uma forma extremamente aguda de jogar a abertura Italiana; a troca do peão do gambito, as brancas alcançam uma iniciativa muitas vezes difícil de neutralizar. Esta variante proporcionou imensas vitórias quer a Morphy, quer a Steinitz, que a jogavam frequentemente, tendo este último jogado imensas partidas com ela no match para o campeonato do mundo disputado contra Tchigorin.

**STEINITZ - PILHAL**  
Viena 1862

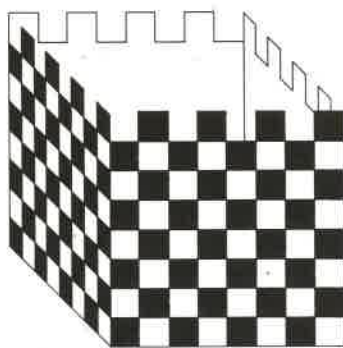
1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bc4 Bc5 4. b4 Bxb4 5. c3 Ba5 (também são possíveis 6... Bc5 e 6... Be7; no entanto, o lance do texto é considerado pela moderna teoria como sendo o mais forte) 6. 0-0 Cf6? (o correcto é 6... d6 e depois de 7. d4 Bd7 8. Db3 Bf6!; se 8... De7 9. dxe5 dxe5 10. Td1 0-0-0 11. Cbd2 Ch6 12. Ba3 Df6 13. Bd5! e as brancas estão um pouco melhor, Skotorenko-Timejer, corr. 1976) 7. d4 exd4 8. Ba3 d6 9. e5! (as brancas entregam um terceiro peão, mas o rei negro terá de ficar no centro, sujeito a um fortíssimo ataque) dxe5 10. Db3 Dd7 11. Te1 Df5 12. Bb5 Cd7 13. Dd5 Bb6 14. Cxe5 Ce7



15. Cxd7! Dxe5 16. Cf6! Rd8 17. Bxe7++

(continua no próximo número)

# O XADREZ E A MULHER



## III — Duas Beatrizes "jogadoras" de xadrez em Portugal

O homem sempre necessitou de um apoio feminino, uma musa inspiradora, imaginária como a Dulcinea de D. Quixote, real mas distante e platónica como a Beatriz de Dante, para um exclusivo de devaneios poéticos como a Natércia de Camões, para decorar e irritar como a amante de Petrônio no poema de Eugénio de Castro.

O próprio jogador de xadrez tomou para si Cáissa e se por vezes o amor e o xadrez colidem na carreira dos grandes-

por DAGOBERTO L. MARKL

-mestros, a consolação de existência dessa longínqua e caprichosa Cáissa alivia os outros «pesares».

Durante todo o séc. XVII desenvolveu-se o tema plástico dos «échecs d'amour», reminiscência de gravuras, iluminuras e tapeçarias medievais e de, pelo menos, uma pintura da Renascença Italiana de Jerónimo de Cremona (1467-1473).

Num jardim, lembrando o Paraíso Terreno, num interior morno de quarto burguês, um homem e uma mulher defrontam-se diante do tabuleiro, por vezes um cupido oculta os olhos do parceiro masculino aludindo à cegueira do amor... ou à falta de visão escaquística do homem.

A ligação simbólica que se estabelece torna evidente um magnetismo canalizado, quantas vezes, pela forma fálica de algumas peças. E se Reuben Fine já detectou um grau de homossexualidade reprimida em cada jogador de xadrez, não menos verdadeiro será admitir-se as 64 casas como ritual preparatório para uma disputa mais íntima consoladora do desaire que, quase invariavelmente, o jogador masculino irá sofrer.

Em Portugal tivemos dois exemplos curiosos de dotes principescos dos quais constavam jogos de xadrez.

Ignoramos se alguma das duas Beatrizes (avó e neta), princesas portuguesas, se limitariam a decorar os seus salões com jogos artísticos ou se justamente os praticavam, por mero prazer ou como ponte para outras experiências.

Quem eram estas possíveis «praticantes»? A mais velha foi D. Beatriz (1433-1470), casada com o Duque de Viseu, D. Fernando, irmão de D. Afonso V. Viria a ser mãe de D. Manuel I. Do enxoval que levou por ocasião do seu casamento, em

1447, consta «hum tavoleiro dem xadrez e de tavolas». Admitimos que se trata de uma espécie de estojo que, aberto, possibilitaria de um lado ser utilizado para o xadrez, e do outro para o gamão.

Anos volvidos a outra Beatriz, filha de D. Manuel, portanto neta da primeira, incluiu no dote inicial (1522), quando se casou com o Duque de Sabóia: «hum tavoleiro denxadrez de cristal guarnecido de prata dourada com quatro leões por pés em cada hum, tem seu escudete branco, e ao redor do jogo em totaldas quatro quadras hecho de montaria de marfim meuda cuberta do dito cristal, e todolos tribelhos do dito jogo são isso mesmo guarnecidos de prata, e são de cristal ametade brancos e a outra ametade pretos».

Esta descrição pormenorizada revela-nos tratar-se de uma verdadeira obra de arte.

Será curioso saber como se jogaria, então, xadrez em Portugal. Do tempo da primeira Beatriz não passámos por agora quaisquer elementos concretos. No caso da duquesa de Sabóia, vivendo próximo da época em que Damião de Odemira publicou a primeira edição do seu «Libro de imparare giochare a Scachi», 1512, já se torna fácil dar um exemplo apresentado pelo próprio Damião e que vem reproduzido na obra de Savielly Tartakower — J. Dumont «500 Great Games of Chess».

1. e4 e5 2. Cf3 Cf6 3. Cxe5 Cxe4 4. De2 De7 5. Dxe4 d6 6. d4 f6 7. f4 Cd7 8. Cc3 dxe5 9. Cd5 Dd6 10. dxe5 fxe5 11. fxe5 Dc6 12. Bb5 Dc5 13. Be3 Dxb5 14. Cxc7+ e ganha a Dama.

## SOLUÇÕES

DO NÚMERO ANTERIOR (pág. 64)

### COMBINAÇÕES

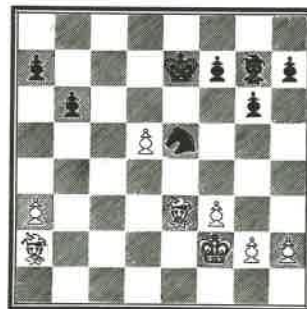
7 (HANS JOHNER - PAUL JOHNER). 1. Be4! 1:0 (se 1... Txe4 2. h3+ Rg3 3. Tf3++). Se 1... Bxe4 2. h3+ Rg3 3. Be1++. Um tema de Nowotny raramente aparece em partidas!

8 (H. SCHATZ - F. GIEGOLD). 1... Dh7+! 2. Th3 Td1+ 3. Rh2 Th1+! 4. Rg3 Dh4+! 5. Txh4+ gxh4++

9 ZUKERTORT-BLACKBURNE). 1. fxc6! Tc2 (parece suficiente para as negras ganharem!) 2. gxh7+ Rh8 (se 2... Rxh7 3. Th3+ etc.; 2... Dxc7 3. Tg3+ etc.) 3. d5+ e5 4. Db4!! T8c5 (tomar a dama ocasionava mate em sete jogadas: 4...

Há coisas que se querem aos pares, e uma delas são os bispos. Logo no primeiro artigo desta série dedicado à luta entre o bispo e o cavalo, e à sua correlação de valores em diversas posições, se falou nisso. Se os dois bispos conseguem actuar em conjunto, cada um deles encobre a falha do outro (o domínio de apenas casas de uma cor), e é mais facilmente perceptível o seu poder de acção.

Porém, há que não esquecer que, sobretudo em xadrez, poucos são os conceitos que se podem aplicar como dogma, mesmo que, como é o caso, correspondam à verdade a maior parte das vezes. Por isso, quero apresentar um final, tirado da minha própria experiência, em que o par de bispos se mostra inferior ao bispo e cavalo, e isto porque, devido às características especiais da posição, um dos bispos é relativamente mau.



A posição do diagrama ocorreu na partida ROCA - A. PEREIRA, durante o torneio de Cán Picafort, 1976. Anteriormente, tinham as negras tomado uma decisão estratégica difícil: cederam ao adversário o par de bispos e um peão passado — só que este é bastante vulnerável, além de que encerra o jogo do seu próprio bispo de casas brancas.

É curioso que vários dos participantes no torneio, observando «en passant» a posição, depois de 29. Da2, julgaram que ela era favorável às brancas, tendo-me vindo perguntar, no fim do jogo, que «barrete» tinha eu enfiado, para ganhar

Dxb4 5. Bxe5+ Rxh7 6. Th3+ Rg6 7. Tf6+ Rg5 — ou 7... Rg7 8. Tg3+ Rh7 9. Tf7+ Rh6 10. Bf4+ Rh5 11. Th7++ — 8. Tg3+ Rh5 9. Tf5+ Rh6 10. Bf4+ Rh7 11. Th5++; se 4... Te8 5. d6 ganha, ou se T2c5 5. Dxe4 etc.) 5. Tf8+!! (mais uma vez...o sacrifício não se pode aceitar; se 5... Dxf8 6. Bxe5+ Rxh7 7. Dxe4+) Rxh7 6. Dxe4+ Rg7 7. Bxe5+! Rxf8 8. Bg7+!! 1:0

### ESTUDOS E FINAIS

7 (H. RINCK). 1. Ta8 Dxa8 2. Bf3+; 1... Dc4 2. Tc8+; 1... De6 2. Ta6+; 1... Dxa2 2. Txa4 Dxa4 3. Be8+ (2... Dg8 3. Ta8 Dh7 4. Bg6 Dxc6 5. Ta6+).

8 (A. TROITZKY). 1. Bc6 (ameaça Dg2++) Tb1+ 2. Re2 Txh1 3. Bg2+ Rxc2 4. Cf4+ Rg1 5. Re1 g2 6. Ce2++.

# PAR DE BISPOS

por ÁLVARO PEREIRA

um final em que o meu adversário é que aos bispos (PYTEL - KOSTRO, Polónia, 1973).

possuía o par de bispos e um peão pas-sadol... Que eu me recorde, só o antigo campeão de Espanha, Dr. Rey Ardid (que, agora que se reformou, regressou às competições, depois de várias décadas de ausência, ocupado com a sua cátedra de Psiquiatria, na Universidade de Saragoça) teve a percepção exacta das dificuldades das brancas, devido à sua fina intuição e conhecimento de finais.

29... Rd6 30. g4! Cd7 31. g5 a6! 32. Re2 b5 33. Bd2 Cb6! 34. Bb4+ Rd7 35. Rd3

Se 35. d6 Cc4!

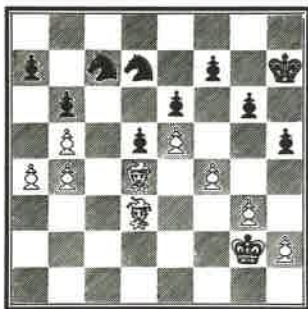
35... Be5! 36. h3 Bf4 37. Bc5 Ca4 38. Be3 Bxe3 39. Rxe3 Cc3!

Atingiu-se um final de cavalo *bom* contra bispo *mau*, no qual as negras ganham rapidamente material, com uma manobra simples mas instrutiva

40. Bb3 Rd6! 41. Rd4 Cb1! 42. a4 Cd2 43. Bd1 bxa4 44. Rc3 a3 45. f4 a2

Mas não 45... Rxd5?? 46. Rxd2 a2 47. Bb3+... e ganham as brancas!

46. Rb2 Rxd5 47. Rxa2 Rd4 48. Bc2 Re3 49. f5 Rf4 0:1



No primeiro artigo desta série, vimos já um exemplo em que o par de bispos ganhava facilmente ao de cavalos. Estudemos um outro, em que a vitória não é fácil, não só porque as brancas têm um peão dobrado e as pretas um passado, mas também porque o jogo, bastante «enlatado», não permite grande actividade

9 (A. WOTAWA). 1. a6 bxa6 2. Bc6+ R ∞ 3. Be8 Rxe8 4. Cd5 e 5. Cf4 ganha.

## PROBLEMAS

/ (J. KISS). Jogo virtual: 1... Rd6 2. d8D++; 1... Rf6 2. f8D++; 1... Rd8 2. Dg5++; 1... Rf8 2. Dc5++. Solução: 1. De4 Rd6 2. f8D++; 1... Rf6 2. d8D++; 1... Rd8 2. Dh4++; 1... Rf8 2. Db4++. Bloqueio com mates mudados recíprocos.

8 (ANDRÉ CHÉRON). Ensaio: 1. Dc2? f4 2. Dc3+ Ra2. Solução: 1. Rf4 Bf7 2. Dc2 Ba2 3. Dc3++.

9 (G. M. FUCHS). Ensaio: 1. Bh5? para Bf7 e Tg8 ou h7) Cd7/d5 2. Bf7 Cf6!l. Solução: 1. f6 exf6 2. Bh5 Cd7/d5 3. Bf7 Ce7 4. Th7++ (se 3... Cf8 4. Tg8++).

O plano é rectilíneo, e pode dividir-se em quatro partes: 1) «furar» o flanco de rei, para dar casas aos bispos e possibilitar a pressão sobre o peão e6, por meio de um futuro f4-f5; 2) bloquear o peão d com o rei; 3) «cruzar» os bispos da ala de rei para a de dama, para reduzir ao máximo a actividade das três peças inimigas; 4) levar o rei ao ataque do peão e6.

1. h3! 2. g4 hxg4 3. hxg4 Rg7 4. Rf2 Rh6 5. Re3 Ca8 6. Bc3 Cc7 7. Rd4 Rg7 8. Be1 Rf8 9. Bh4.

A terceira fase do plano pré-estabelecido já está em prática sem que as pretas possam fazer seja o que for para o impedir.

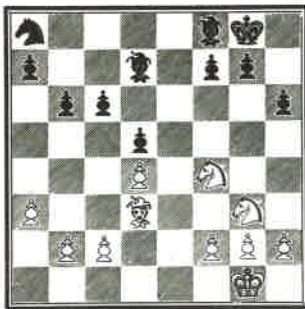
9... Ca8 10. f5! gxf5 11. gxf5 Rg7? Mais duro seria 11... Re8 12. fxe6 fxe6 13. Bg6+ Rf8 14. Bd8! Cb8 15. Re3 Cd7 16. Rg5! d4! 17. Rf4!, com vantagem (análise de Milic). 11... Rg7? facilita a tarefa das brancas, porque permite que o bispo entre em d8 sem trocar os peões f, isto é, sem conceder a casa f7, essencial para a defesa

12. Bd8! Rh6 13. Be2 Rg7 Evidentemente, se 13... exf5 14. Rxd5 14. Bg4 Cf8 15. Bf6+ Rg8 16. Be7 Cc7 17. Bd6 Ce8 18. Bb8

Optando por ganhar o peão a, embora, naturalmente, também ganhasse 18. Bxf8 Rxf8 19. fxe6 Cc7 20. exf7 Rxf7 21. Bf3 Re6 22. Bg2

18... Cd7 19. Bxa7 Cc7 20. fxe6 fxe6 21. Be2 Rf7 22. a5 1:0

Deixarei para o próximo número alguns exemplos da luta mais habitual que trava o par de bispos: tentando ganhar, oposto a bispo e cavalo. Para terminar o artigo de hoje, um final com uma curiosa oposição de peças: dois bispos e cavalo contra dois cavalos e bispo.



O encontro NEJ - BRONSTEIN, a contar para o Campeonato da U. R. S. S. de 1960, não teve, praticamente, meio-jogo. Ao fim de apenas 19 lances, já se tinha atingido a posição do diagrama, aparentemente condenada a um rápido empate. Só aparentemente, porém! Apreciemos como o ex-vice-campeão do mundo, de-



pois de uma larga luta, impôs o seu par de bispos.

19... g6!

Impedindo 20. Bf5

20. c3 Cc7 21. Rf1 h5 22. Re1 Bh6 23. Cfe2 Rg7 24. Cf1 Ce6 25. Ce3 f5!

Ganhando espaço na ala de rei. Como se verá as brancas vão conseguir aproveitar-se do descontrolo do ponto e5.

26. Cg1 f4 27. Cc2 Rf7 28. Cf3 Be8! 29. h4

Será mesmo necessário este debilitamento? Mais tenaz parece-me 29. Be2 (!), deitando um olho a g4 e h5, e cedendo a passagem ao Cc2, para apoiar o seu colega em e5 com a manobra do Cb4-d3 ou Rd2, Ce1-d3. Por exemplo: 29... Rf6 (29... a5 30. Rd2 ou 30. b4!?) 30. Cb4 g5 31. h3! (a ameaça era 31... g4 32. Ce5 a5! e, se 33. Cd3? c5!, e o peão d cai 'de maduro'), e as pretas deviam ter mais trabalho do que na partida.

29... Bf8 30. Rd2 Bd6 31. Cce1 c5! 32. Be4 c4 33. Bd1 b5!

Depois de conseguir bloquear as fraquezas brancas no flanco da dama, Bronstein lança-se ao ataque contra essas mesmas debilidades.

34. Be2 a5 35. Bd1 b4! 36. axb3 axb3 37. b3!

«Stop!»

37... Ce7! 38. bxc4 dxc4 39. Be2 Bb5 04. cxb4 Bxb4+

Terminou a lenta fase de manobra, tendo as pretas conseguido, com as rupturas adequadas, abrir novas rotas para os seus bispos, «espalharem a fé e o império» sobre os pobres peões brancos (colonialismo negro?!).

41. Rc1 Ba3+ 42. Rd1 Cd5 43. Cc2 Cc3+ 44. Re1 Bb2 45. Bf1 Ce4 46. Ce5 Bc3+ 47. Re2 Ba4!

O terrível fogo sincronizado dos dois bispos! Daqui até ao fim, os lances das brancas serão praticamente forçados.

48. Ca3 Bxd4 49. Cexc4 Bxf2 50. Rf3 Bc6! 51. Ca5

Se 51. Rxf4 Cg3! e 52... Bxg2

51... Be8 52. Bb5 Bxh4 53. Bc6?

Um excesso de precaução que conduz à derrota imediata. Melhor era 53. Rxf4, e a linha mais promissora para as negras parece ser 53... Bf2! 54. Rf3! Bc5! 55. Cc2 (única) Cd2+ 56. Re2 (56. Rg3 Cf1+ 57. Rh3 Be4 58. Ba4 Bf5+ 59. Rh4 Bf2+) Bxg2! 57. Rxd2 h4 58. Bd7 h3 59. Bxh3 Bxh3, e o ganho é problemático.

53... Bxc6 54. Cxc6 Cd2+! 55. Rxf4 Bf2!! 0:1

Uma rede de mate alucinante!

# SÍLVIO SANTOS CAMPEÃO DO PORTO

# Campeão

De 17 de Maio a 17 de Junho disputou-se, no Porto, o Campeonato Associativo Individual 77, sob a forma dum sistema suíço de nove sessões.

As habituais dificuldades na obtenção de sala para o torneio, devido ao elevado número de participantes (cerca de 90, desta vez), para além de outros factores, levavam a direcção da A.X.P. a dividir os concorrentes em duas séries, depois de reunião com os clubes na qual estes aprovavam a variante proposta. Para a série A (jogadores com classificação pontual igual ou superior a 1700 pontos) conseguiu a A.X.P. obter as instalações do Clube Feirianos Portuenses, cujo Salão Nobre tem excelentes condições para a prática do xadrez, já aproveitadas, também, para a recente simultânea que Durão e Sequeira vieram realizar no dia 10 de Junho. No mesmo local se fez, durante o torneio uma exposição/venda de livros de xadrez; outra iniciativa paralela foi a edição, pela A.X.P., duma brochura sobre o torneio onde, além de dados sobre os participantes, se reuniam vários textos sobre aspectos do fenómeno xadrezístico, visto de diversos quadrantes (um jornalista profissional, um cronista de xadrez, um livreiro, um especialista no ELO, um jogador internacional, e o delegado da D.G.D. no Porto, foram os autores). A série B (Classificação Pontual inferior a 1700 pontos) reuniu a maior parte dos jogadores, com um peso considerável para os oriundos do Clube Académico de Pedras Rubras; por esse facto, e a pedido daquela colectividade, foi-lhe delegada pela A.X.P. a organização da prova no que respeitava à série B, disputando-se os jogos na Quermesse Paroquial de Maia (excepção feita às duas últimas jornadas, em que as duas séries foram reunidas no Salão Nobre do Clube Ferianos Portuenses).

Em relação à série A que, ao reunir os jogadores, mais cotados, despertava maior interesse desportivo, notaram-se as ausências de Vladimiro Miranda (anterior Campeão Asoctiivo), António Cabral, Gil Coelho, Fernando Fernandes, Eduardo Monteiro, que a participarem, teriam um maior impacto competitivo à prova. Os 19 que participaram fizeram os possíveis, no entanto, por manter interessado até ao fim o (escasso) público que acompanhou o desenrolar do torneio; na realidade, foi renhida a luta pelos primeiros lugares, não havendo muita oportunidade de sucederem empates «de salão» que, infelizmente, começam também a invadir o xadrez amador, depois duma generalização (compreensível) no âmbito profissional, Silva Santos, com apenas uma derrota (frente a Jorge Guimarães) e dois empates (contra Jaime Gilbert, e João Andresen) sagrou-se, merecidamente, campeão distrital, obtendo finalmente um título dos vários que, em vários campeonatos, teve ao seu alcance sem conseguir conquistar.

Não foi, no entanto, uma vitória fácil, e as últimas jornadas tiveram uma carga emocional interessante, vendo-se os jogadores melhor classificados com tanta atenção às partidas dos mais directos adversários como às que se encontravam a jogar. De salientar também a boa actuação de Bernardino Passos (que já foi campeão regional do Norte, alguns anos atrás) a obter uma classificação de certo modo inesperada, se se tomar em conta as suas actuações nos últimos anos, e que, com um pouco mais de sorte em algumas partidas decisivas, poderia, até, ter causado surpresa maior. Um caso interessante de rejuvenescimento xadrezístico! Surpresa foi também, de certo modo, a má classificação de Jaime Gilbert, que, para além de empatar com o campeão, pouco mais produziu de interessante durante o torneio.

Na série B a prova foi também bastante disputada, de tal modo que, no fim da última jornada, só o Bucholz permitiu determinar o vencedor da série. Lamentavelmente, a A.X.P. ainda não publicou as classificações referentes a esta série (que reuniu cerca de 70 participantes); deixamos registados, pela nossa parte, o nome do vencedor: José Peralta (CDUP), e do 2.º classificado, em igualdade de pontos: Rui Mendes (CDUP).

O torneio conclui com a distribuição de prémios, realizada no final da última jornada, com a presença do Prof. Manuel Puga, delegado no Porto da D.G.D.. Foram distribuídas medalhas a todos os participantes, tendo cabido uma taça ao vencedor da prova. Dois livros de xadrez foram ainda sorteados entre os participantes.

Como última indicação, a que se seguirá a classificação final da série A, registamos que o Director do Torneio foi José Alberto Gomes da Rocha, auxiliado por Manuel Neves e António Carlos Ferreira (todos directores da A.X.P.); da arbitragem da série B encarregavam-se elementos do C. A. Pedras Rubras de que não dispomos dos nomes.

#### Classificação:

1.º **Silvio Santos** (CDUP), 7 pontos; 2.º **Bernardino Passos** (GXP), 6½; 3.º **Jorge Guimarães** (CDUP), 6½; 4.º **Manuel Matos** (FCP), 5½; 5.º **Fernando Castro** (VFC), 5½; 6.º **João Andresen** (GXP), 5½; 7.º **Jorge Pinheiro** (CDUP), 5; 8.º **Rui da Fonseca** (CDUP), 5; 9.º **João da Gama** (CDUP), 4½ 10.º **Jaime Gilberto** (GXP), 4½; 11.º **Amadeu Loureiro** (AAE), 4½; 12.º **José Azevedo** (AAE), 4; 13.º **Eduardo Moura** (FCP), 4; 14.º **Rui Costa** (GXP), 3½; 15.º **Jorge Lopes** (GXP), 2½; 16.º **José Veíssimo** (GXP), 2½.

Desistiu Aristides Cunha (FCP) e foram eliminados Paulo Sá (GXP) e Fernando Zagalo (FCP).

M. M.

Jogou-se no mês de Julho, no Centro de Comércio, a fase final do Campeonato Individual pelo título, que só veio a decidir-se na última distrital.

O torneio, que em edições anteriores chegou a ser considerado a prova mais forte do calendário nacional, decorreu, à semelhança do ano passado, em duas fases. A primeira disputou-se nos clubes, sendo apurados para a final 30% dos jogadores inscritos em cada um deles. De acordo com este critério, estiveram presentes setenta e sete xadrezistas na prova agora terminada, que se jogou em sistema suíço.

Refiram-se em primeiro lugar as boas características do local da prova: uma sala em pleno Rossio, cedida gratuitamente à organização, com dimensões óptimas. Se acrescentarmos que havia ainda salas anexas para as análises posteriores às partidas, e área suficiente para a assistência, que aliás ocorreu em número muito razoável ao longo das nove sessões do torneio, ficará claro que a Associação de Xadrez de Lisboa descobriu no centro da capital um excelente espaço de jogo.

É curioso o ritmo adoptado — dezoito lances por hora com o primeiro controle ao fim de duas horas e meia —, que julgamos utilizar-se pela primeira vez em Portugal, pelo menos em provas importantes. Se, por um lado, se trata de um ritmo violento, na medida em que obriga às cinco horas de jogo, por outro tem a inegável vantagem de evitar um grande número de suspensões, visto que, de acordo com as estatísticas, muitas são as partidas que se resolvem por volta do 40.º lance.

De criticar será o facto de um campeonato associativo se ter disputado nesta época

1.º	<b>F. Silva</b>	SCP	<b>32</b>	<b>1</b>	<b>20</b>
2.º	<b>L. Santos</b>	SCP		<b>1</b>	<b>25</b>
3.º	<b>C. Rego</b>	ACL	<b>65</b>	<b>1</b>	<b>33</b>
4.º	<b>Rui Pereira</b>	SLB	<b>F.</b>	<b>1</b>	<b>34</b>
5.º	<b>R. Lavrador</b>	SLB	<b>38</b>	<b>1</b>	<b>F.</b>
6.º	<b>J. Santos</b>	SLB	<b>39</b>	<b>1</b>	<b>46</b>
7.º	<b>L. Almeida</b>	AAA	<b>F.</b>	<b>1</b>	<b>50</b>
8.º	<b>A. P. Santos</b>	CAA		<b>1</b>	<b>16</b>
9.º	<b>M. Veladores</b>	GXA	<b>F.</b>	<b>1</b>	<b>35</b>
10.º	<b>Ren. Pereira</b>	GXA		<b>1</b>	<b>18</b>
11.º	<b>C. Lopes</b>	GXA	<b>F.</b>	<b>1</b>	<b>F.</b>

12.º **H. Sardinha**, 5½; 13.º **F. Sequeira Jr.**, **Fernandes**, 5½; 18.º **Ant. Cardoso**, 5½; 19.º **S. Araújo**, 5; 24.º **A. Vilaça**, 5. 25.º **J. J. Alexandre**, 5; 30.º **F. Perdigão**, 5; 31.º **J. H. Neto**, 4½; 36.º **R. Sacramento**, 4½; 37.º **41.º M. Rocha**, 4½; 42.º **A. Dias**, 4½; 43.º **Xavier**, 4; 48.º **J. Diogo**, 4. 49.º **I. Oliveira**, 54.º **V. Milhano**, 3½; 55.º **M. Diogo**, 3½; **A. Rosa**, 3; 61.º **C. Pardelhas**, 3; 62.º **M. (des e J. Cabral**. Eliminados: **H. Ferreira**, **J.**